

O CAMPO E A EDUCAÇÃO: caminhos e descaminhos das políticas educacionais brasileiras

Claudiomiro Ferreira de Oliveira
Eixo 1 – Arte, Tecnologia e Educação
Déa Nunes Fernandes
UFMA/IFMA/FAPEMA
claudiomirofo@gmail.com
dea.fernandes@ifma.edu.br

“Educação do Campo” é uma expressão que só recentemente foi incluída no vocabulário da educação brasileira e na letra das leis relativas à educação nacional. A educação “no” campo, por outro lado, é tão antiga quanto à própria manifestação do fenômeno da educação formal em nosso país. O processo educativo ao qual se refere, hoje, a expressão Educação do Campo, se constituiu em oposição à chamada Educação Rural pensada para o (e praticada no) campo brasileiro ao longo do tempo. Embora, a sociedade brasileira tenha se desenvolvido fundamentalmente no e a partir do campo a constituição do processo educativo formal em nessa sociedade subalternizou os sujeito do campo, as sociabilidades do campo e o modo de vida campesino e hipervalorizou a urbanidade (que muitas vezes foi usada como sinônimo da *civilidade*). Essas e de outras situações nutriu e têm nutrido discussões em busca da criação e do fortalecimento do *movimento por uma educação do campo*. Sinais de preocupações com a organização da sociedade em torno das questões da Educação do Campo começam a serem notados mais efetivamente na década de 1990 quando os movimentos sociais, apoiados na Constituição de 1988 que institui a educação como “um direito de todos”, trazem para os fóruns de discussão a necessidade se constituir espaços que reflitam e valorizem os saberes e sociabilidades dos povos do campo no Brasil, destacando o direito ao respeito e à adequação da educação às singularidades culturais e regionais. Em nossa investigação os indagamos sobre como têm se configurado ou (re) constituído as narrativas e práticas identitárias associadas à expressão “Educação do Campo”? Quais sujeitos e espaços se referem a este projeto de Educação? Onde ou como Educação de Campo e Diversidade se entrecruzam? Nossa discussão se espalhará como em um a ensaio teórico, sem muita restrição bibliográfica ou terminológica ou de categorias analíticas. Com um tema proposto de antemão – o diálogo entre Educação do Campo e Diversidade - nos permitimos seguir o curso do nosso pensamento e sentimento que tem por base nossa vivência social e acadêmica. O estudo nos permitiu dizer que na constituição do nosso sistema de educação formal foram sendo, ao longo do tempo, apagados dos pressupostos teóricos, da metodologia e da finalidade/objetivo da educação as referências relativas aos sujeitos e a vida do/no campo. É importante ressaltar, no entanto, que houve muita resistência a esse processo. Por exemplo, a criação de sindicatos rurais (1934), da ASSESOAR (em 1966), das Casas Familiares Rurais e/ou Escolas Famílias Agrícolas (em 1981), o MST (em 1984), etc. Essa resistência se nutre, sobretudo, do fato de a dinâmica da vida campestre ter influenciado e inspirado profundamente, ao longo de toda a história de nosso país, a constituição das nossas identidades e diferenças. Ela marcou fortemente nossa literatura, nossa música, nossa língua, nossa religião, nossa arte, nosso imaginário e nossa vida prática.

Palavras-chave: Educação. Campo. Cidade. Urbanidade.